



História (São Paulo)

ISSN: 0101-9074

revistahistoria@assis.unesp.br

Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho
Brasil

DIAS, Débora

A “FOME DE LIVROS” DE UM INVESTIGADOR PORTUGUÊS EM DIÁLOGO COM O
BRASIL: a biblioteca e os intercâmbios editoriais de Joaquim de Carvalho (1928-1958)

História (São Paulo), vol. 36, 2017, pp. 1-31

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=221049548030>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A “FOME DE LIVROS” DE UM INVESTIGADOR PORTUGUÊS EM DIÁLOGO COM O BRASIL:

a biblioteca e os intercâmbios editoriais de
Joaquim de Carvalho (1928-1958)

Débora

DIAS

Universidade de Coimbra

deboradm@gmail.com

The “book hunger” of a Portuguese researcher dialoguing with Brazil: the library and the editorial exchanges of Joaquim de Carvalho (1928-1958)

RESUMO

Este artigo correlaciona aspectos ligados à bibliofilia, às práticas de leitura e de investigação, bem como à colaboração de uma “República das Letras” de alcance intercontinental na constituição da enciclopédica biblioteca do universitário português Joaquim de Carvalho e do seu plano de publicações especialmente na década de 1950. Foi neste período em que o ex-diretor da Imprensa da Universidade de Coimbra (1921-1934) – cargo que Carvalho ocupou até o fechamento da casa editora por Salazar – mais intensificou a participação de autores latino-americanos, sobretudo brasileiros, nas suas iniciativas e projetos editoriais, contando com a colaboração de nomes como Fernando de Azevedo, Florestan Fernandes e João Cruz Costa (São Paulo), assim como Leopoldo Zea (México), Miró Quesada (Peru), Risieri Frondizi (Argentina). Nesse sentido, interessam as questões ligadas ao prazer do bibliófilo-investigador na “aquisição” e “posse” de livros e documentos, mas também quanto às repercussões dessa “fome de livros” na concretização de projetos editoriais e na cimentação de intercâmbios intelectuais com destaque para o Brasil. Este percurso será visto por meio de alguns indicadores que se entrecruzam com a construção da sua biblioteca pessoal, tais como: a aquisição de livros brasileiros, que constituíram uma base significativa desse acervo, acelerada após a viagem de Carvalho como professor visitante da USP em 1953; as trocas epistolares com intelectuais de uma comunidade alargada nos dois lados do Atlântico; o aumento da colaboração de autores brasileiros na *Revista Filosófica*, editada pelo professor em Coimbra; e os projetos editoriais de Joaquim de Carvalho que incluíam a publicação de fontes do período colonial e escritores luso-brasileiros.

Palavras-chave: Intelectuais; Livros e bibliotecas privadas; Estado Novo português; intercâmbios ibero-americanos; *Revista Filosófica*; Joaquim de Carvalho

ABSTRACT

This article correlates aspects related to bibliophilia, to reading and investigation practices, as well as to the collaboration of a “Republic of Letters” of intercontinental coverage in the Portuguese college professor Joaquim de Carvalho’s establishing of an encyclopedic library and his publication plan, especially in the 1950s. It was in this period that the former director of the Coimbra University Press (1921 – 1934) – a position that Carvalho exercised until the closing of the publishing house by Salazar – intensified the participation of Latin American authors, mainly Brazilian ones, in his editorial projects and initiatives with the collaboration of scholars such as Fernando de Azevedo, Florestan Fernandes and João Cruz Costa (São Paulo), as well as Leopoldo Zea (Mexico), Miró Quesada (Peru) and Risieri Frondizi (Argentina). In this sense, the emphasis is on the issues related to the pleasure of the bibliophile-investigator in the acquisition and possession of books and documents and also on the impacts of this “book hunger” in the concretization of editorial projects and in the establishing of intellectual exchanges with emphasis on Brazil. It will be possible to observe this path by means of some markers that relate to the construction of his personal library, such as: the acquisition of Brazilian books, accelerated after Carvalho’s trip as a visiting professor at USP in 1953, which consisted on a significant basis of this collection; the epistolary exchanges with intellectuals of an academic community extended in both sides of the Atlantic; the increase in the collaboration of Brazilian authors at the magazine *Revista Filosófica*, edited by the professor in Coimbra; and the editorial projects accomplished by Joaquim de Carvalho including the publishing of sources from the colonial period and Luso-Brazilian writers.

Keywords: Intellectuals; Books and private libraries; Portuguese New State; Ibero-American exchanges; *Revista Filosófica*; Joaquim de Carvalho.

A Biblioteca segue como lugar vivo da memória escrita, onde se consubstancia e guarda, como num templo, o sonho ocidental de universalidade do saber face ao temor permanente da sua própria destruição. Sob permanente tensão entre preservação e esquecimento, pressupõe práticas de seleção e se estrutura sob anelos de totalização. No século XIX, com uma oferta avassaladora de impressos à sua disposição, como nunca antes visto, a biblioteca aumenta em tamanho e volume. Também mudaram perfis, transformando patrimônios em serviços públicos, pagos pelo Estado com o dinheiro dos cidadãos (RIBEIRO, 2015, p. 153). Foi então o momento em que se desenvolveram grandes bibliotecas universitárias, se alargou a rede de bibliotecas públicas e se ergueram majestosas bibliotecas nacionais, crescimento que nem sempre foi visto como vantagem pelos homens de letras tementes dos efeitos negativos da “avassaladora dispersão bibliográfica” (POMBO, 2011, p. 174).

Em paralelo, diante da necessidade de atualização e especialização do conhecimento, em um momento de emergência do intelectual, assistiu-se à proliferação das bibliotecas mais privadas e personalizadas, com tipologias que também dizem sobre seus usos e seus proprietários: é a biblioteca do jornalista, do escritor, do investigador, do professor, do universitário, do bibliófilo (BESSONE, 1999; CABRAL, 2014). A biblioteca enciclopédica tende a se diversificar em Oitocentos, período em que se verifica a criação de anexos populares (MASSON; SALVAN, 1961, p. 43). Nessa diversificação, não há somente um alargamento dos tipos, mas também uma maior privatização dos acervos.

No cruzamento dessas heranças, enquadra-se o caso de Joaquim de Carvalho (1892-1958),¹ professor da Universidade de Coimbra e cuja livraria – expressão do seu amor pelo livro e do seu próprio sentido de vida – se tornou, por fama e acesso, numa das facetas mais marcantes do seu modo de estar na “República das Letras”. Na sua vertente de biblioteca de um universitário e intelectual das primeiras décadas do século XX aos anos 1950, atualmente preservada e disponível para investigação,² ela sintetiza aspectos relevantes da trajetória do seu edificador e utilizador, incluindo as divisas que compartilhou do “ler para escrever” (GRÉSILLON, 2011, p. 7-22) e do “escrever para publicar” que, mesmo atestadas em épocas recuadas, trazem o selo dos tempos modernos e atingem novos patamares na segunda metade do XIX.

Daí que, neste artigo, interessam os “livros de Joaquim de Carvalho” na totalidade do seu acervo, incluindo de forma articulada aqueles que compulsou, publicou e escreveu, em correlação com a sua face bibliófila e o seu intercâmbio epistolar. Quanto aos que escreveu, os livros de Carvalho percorrem diferentes períodos e temas,³ com contribuições originais ancoradas no uso do método histórico-evolutivo e fruto da sua grande capacidade intelectual quer como investigador, quer como professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra durante 42 anos. Quanto a sua atividade de edição, há as centenas de títulos desde quando foi diretor da Imprensa da Universidade (1921-1934), bem como publicações na Faculdade de Letras, da *Revista Filosófica* e de coleções da Atlântida editora

de Coimbra, entre outras. E, em paralelo a sua faceta de amante do livro enquanto objeto e como instrumento de trabalho, foi igualmente um guardião de livros, seja os pertencentes a espaços públicos – foi diretor e bibliotecário de acervos universitários, incluindo o da maior livraria universitária portuguesa (Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, 1927-1931); os da Escola Normal Superior de Coimbra (1929) e os da Faculdade de Letras (1934) –, seja os que, com sacrifícios vários, foi reunindo na sua própria casa.

A partir deste último fundo, se buscará compreender o intercâmbio que realizou, intensificado na década final da sua vida, com intelectuais latino-americanos, em especial brasileiros, e cujos reflexos podem ser vistos na sua biblioteca, mas também nos projetos editoriais que concretizou – com destaque para o da *Revista Filosófica*, o principal destes – ou naqueles que sonhou e que foram interrompidos com a sua morte.

Ler por prazer, para investigar e para ensinar

Do encontro com a livraria enquanto totalidade (que a morte do seu proprietário fechou) imediatamente ressalta esta evidência: a biblioteca de Joaquim de Carvalho tem uma dimensão enciclopédica e não escapa ao que, na esteira de autores de referência, tem sido qualificado como “paradigma alexandrino”⁴ (BARATA, 2003, p. 187; BARATIN, 2000, p. 227-233). Ela subentende a pretensão de reunir aquilo que de mais relevante, em cada área, foi eleito pelo crivo e pela erudição de seu organizador. E o caso específico da *Brasiliense* que, como acontece com outros núcleos importantes, constitui só por si uma biblioteca dentro da grande biblioteca de cariz enciclopédico, consequência de um ideal de conhecimento que não hipotecava a concretude e a multiplicidade, porque a busca do conhecimento deve “unificar o que permanece irremediavelmente distinto” e “fixar uma totalidade que continuamente se decompõe para novamente se recompor em outras formas” (SALSANO, 2000, p. 380).

Com efeito, o núcleo de Brasil inclui e dialoga com a História, as Ciências Sociais, a Literatura, a Educação, mas também com seções como as do Direito, Medicina, Física, Biologia, Química, Arqueologia, Matemática, Filosofia. Dito isto, ganha pertinência sugerir-se que a totalização interna da biblioteca de Carvalho não foi estranha ao enciclopedismo de inspiração iluminista, tanto mais que a sua inicial formação positivista o sensibilizou para a continuada discussão acerca das modalidades de relacionamento das ciências entre si. É que Joaquim de Carvalho formou-se intelectualmente numa época em que os debates taxinômicos ainda estavam na ordem do dia. Uma pista nesse sentido é oferecida por Fernando Catroga ao sublinhar que o professor do curso de histórico-filosóficas não aceitava que a fundamentação da Ciência pudesse ser deduzida da Filosofia, definida esta como Ciência dos primeiros princípios. Nas palavras do autor, “essa via demonstrativa colocava a Ciência como ‘serva’ da Filosofia, sendo esta levada a um saber fundante, o que equivalia a interpretar, de uma maneira unitária, e mediante conceitos, todas as manifestações da realidade”. Ao contrário, a História das Ciências ensinou-lhe que estas nasceram em “protesto

claro e decisivo contra a absorção do saber pelo filosofar” (CATROGA, 1994, p. 10).

Por sua vez, será útil lembrar que a consolidação e alargamento das bibliotecas universitárias no decorrer do século XIX não anularam, pelo menos nos acadêmicos mais bibliófilos ou nos de maior vocação investigadora, a simultânea formação de bibliotecas privadas e domiciliárias, tanto mais que os poderes públicos nem sempre revelaram possuir recursos e sensibilidade política suficientes para prosseguirem naquela senda. Não obstante as singularidades, essas bibliotecas são expressões mais especializadas do impacto social da revolução *gutenberguiana* e dos processos que aceleraram a secularização do saber, traduzidos no triunfo das línguas vernáculas, no crescimento vertiginoso do impresso e na difusão do livro. Com isto, convocamos a sua inserção num movimento de média duração iniciado pela emergência das “sociedades das letras” e do espírito crítico modernos (não por acaso, Joaquim de Carvalho será um dos grandes especialistas europeus da obra de Espinosa, do Humanismo e do Renascimento) e, depois, em maior intensidade no decurso do século XIX, da figura do intelectual.

Em termos mais imediatos, a grande biblioteca do professor de Coimbra corporiza, com as singularidades próprias das suas especializações, o tipo de biblioteca do “homem de letras”, ou melhor, do autor-escriptor e, em particular, dos inícios do século XX, da livraria do professor universitário, nesta tríplice função: ler por prazer, para investigar e para ensinar. E, em alguns casos, o surgimento de regimes ditatoriais e de “políticas do espírito”, fez algumas delas também espelharem a existência de censura à impressão, importação e circulação de livros, o que lhes confere um valor histórico-cultural acrescido. Demais, a história da sua formação também reflete a relação íntima e recíproca que inevitavelmente se gera entre o criador e o criado, já que, como afirmou Pina Martins, a pensar no exemplo de Joaquim de Carvalho,

A biblioteca pessoal de um investigador representa não só uma documentação preciosa para ajuizar dos seus interesses histórico-culturais, filosóficos e científicos, mas ainda um instrumento de pesquisa de valor extraordinário: uma tal biblioteca, dado o seu carácter monográfico, é por assim dizer a arquitetura ideal e o lanço estrutural sonhado pelo seu organizador para a obra que, se não conseguiu realizar, pelo menos desejou construir (MARTINS, 1978, p. VII-VIII).

Por outro lado, se alguma bibliofilia não consegue fugir à perspectivação do livro como mercadoria futura, a posição de Carvalho foi bem diferente. Prova disso é o pedido que formulou aos seus herdeiros: desejava que a biblioteca não fosse dispersa após a sua morte. O filho Joaquim Montezuma de Carvalho, um ano após o falecimento do pai, deu-nos um testemunho desta vontade: “Morria sabendo que a sua família não iria no dia seguinte leiloar a sua vasta biblioteca, nem vender, ao farrapeiro os velhos papéis e as velhas cartas” (CARVALHO, 1959, p. 6).

A “fome de livros” e a bibliofilia do investigador

Joaquim de Carvalho reconhecia que a sua "fome de livros" era "insaciável", confissão que ele mesmo fez em carta de 1950 enviada ao brasileiro João Cruz Costa, professor da Universidade de São Paulo (USP), nos primórdios de um profícuo intercâmbio bibliográfico (BIBLIOTECA FLORESTAN FERNANDES, 16/12/1950). Anos mais tarde, em 1959, o já consagrado historiador e opositor salazarista, Jaime Cortesão, ao retornar do exílio no Brasil, sentiu a necessidade de precisar melhor a, para muitos óbcecante, relação de Joaquim de Carvalho com os livros, defendendo que a sua "avidez" bibliófila era movida por uma permanente necessidade de conhecimento e de atualização bibliográfica, requisitos sem os quais não haveria suporte erudito adequado a reflexões que queriam fugir do ensaísmo e da retórica. E foi este imperativo que também fez dele, na caracterização do velho amigo, "uma espécie de frade da Ordem do espírito, que tinha por cela o Universo. Mas um frade, na aceção recolhida, pura e ascética da palavra. Possuía-o a fome urolina dos livros, não por bibliomania, mas por insaciável necessidade de conhecimento" (CORTESÃO, 1959, p. 199). Porém, se Joaquim de Carvalho conhecia bem a *Divina Comédia*, ao invés do conde Ugolino – personagem de Dante Alighieri (1265-1321) – o mestre de Coimbra não estava trancado numa "torre da fome".

A rotina dos livros e da leitura

A imagem de um frade de uma "Ordem do Espírito" a que Cortesão se referiu também aparece na maneira como amigos e familiares traçaram o perfil de Carvalho enquanto professor, investigador e gestor. Na evocação de Barahona Fernandes, "o seu austero e modesto viver tornou-se proverbial" (FERNANDES, 1963, p. 11). A escrita vinha de manhã, seguida ao acordar cedo, "desde a alva". O almoço era em família, na mesa extensa de dez filhos e algum outro que se juntasse no dia. Após a sesta, dava aulas na Universidade, ou seguia para o trabalho na Biblioteca Geral, onde possuía gabinete privado. "Na Biblioteca da Universidade só trabalhava de tarde, ou por exceção da parte da manhã quando precisava consultar bibliografia que não possuía na sua biblioteca", lembrou Cruz Malpique, acrescentando: "Nunca soube escrever à máquina" (MALPIQUE, 1959, p. 113).

Ao entardecer, era frequentemente visto a passear pelas ruas íngremes da Alta coimbrã, percorrendo os lugares de sua sociabilidade. Barahona reconstituiu a sua peripatética volta pelas farmácias Paiva e Donato, pela Livraria Atlântida, onde "gostava de encontrar pessoas e conversar", voltando a casa, a subir a custosa calçada conhecida por "Quebra-Costas". Neste périplo, "tanto palavra com gente simples de sua terra, como dialogava nos seus temas favoritos com os amigos e colegas da Universidade e das lides intelectuais". Descrito como "um homem cordial", para Orlando Ribeiro, "deixava transparecer muito menos as suas ideias do que se informava, às vezes com directa insistência, das ideias dos interlocutores" (RIBEIRO, 1980, p. 1). Cruz Malpique (1959, p. 114) comentou: "Nunca se perdeu em cafés". Retornado a casa, era o tempo da leitura, quer dos jornais, quer das

provas tipográficas, do “monte de livros para ler pela noite adentro”.

Nos depoimentos dos contemporâneos, a sua biblioteca é definida como uma livraria-suporte para investigação e docência, mas também como um espaço generosamente aberto ao convívio dos visitantes, incluindo estudantes. Não raro, o Mestre agia como um animador dos jovens espíritos à cata das leituras decisivas. A biblioteca tinha continuidades no gabinete de estudos e era a parte da casa onde se recebia quem chegasse: “Ele estava sempre nesse escritório. Entravam, subiam, os alunos, os colegas, os estudantes, e iam ter com ele no escritório. Tudo lá”, lembrou a filha Dulce, aos 85 anos (CARVALHO, 2012, fl. 14). Os livros vinham amiúde parar à mão dos convivas em virtude da conversa, ou podiam mesmo viajar em empréstimo para o domicílio de alguns dos interlocutores. O que é também confirmado pelo próprio Carvalho em carta a Victor de Sá, de Braga, que havia retomado os seus planos de estudo na Universidade: “Quando voltar a Coimbra passe por esta sua casa, donde saio raramente; além do desejo de o ver, gostaria de lhe proporcionar livros q possam servir ao seu estudo. Seria bom indicar-me os q precisa por poder dar-se o caso de os ter na Figueira” (BIBLIOTECA PÚBLICA DE BRAGA, 18/12/1952, fl. 1).

Barahona Fernandes (1963, p. 11), ao consultar antigos alunos, confirmou essa prática: Joaquim de Carvalho “recebia de bom grado em casa os estudantes, discutia com eles, aconselhava-os e emprestava-lhes livros generosamente”. E um cronista no jornal *República*, em 1956, tornou pública essas liberalidades: “A sua casa esteve sempre aberta para os que procuram esclarecer dúvidas ou adquirir novos conhecimentos, e os seus numerosos livros, e dos mais variados assuntos, foram sempre emprestados sem reбуço de qualquer espécie” (REPÚBLICA, 1956, p. 1). E já Flausino Torres, ex-revisor da Imprensa da Universidade e licenciado em Histórico-Filosóficas, em 1935, louvava esse comportamento, lembrando aos adversários do seu professor que “a sua livraria está sempre ao alcance de todos, os seus esclarecimentos não faltam acerca dos mais variados assuntos e os trabalhos pessoais do estudante têm nele um animador” (TORRES, 1935, p. 89). Daí que valorizasse este tipo de magistério de ultrapassar a sala de aula, de pôr em ação uma pedagogia moderna e de conteúdos atualizados, condições necessárias para se “chamar a atenção para novos pontos de vista, relacionar o que se vai descobrindo com o já conhecido, despertar a ânsia de conhecer mais e conhecer por si; fazer desaparecer a tendência para as certezas inabaláveis, criando em sua substituição a insatisfação com os conhecimentos adquiridos”, como ainda atentou Torres (1935, p. 89).

Para além do comum ao ofício de professor, Joaquim de Carvalho cedo também se afirmou como um especialista em livros e bibliografias. No seu trânsito entre bibliotecas, incluindo a sua própria em permanente formação, cimentou a imagem de um sábio portador de uma grande erudição. Prova-o este testemunho, datado de 1949, e narrado por Pina Martins: estava então em Roma para estudos quando encontrou o professor de Direito da Universidade de Coimbra, Cabral de Moncada. Pina solicitou-lhe a indicação de uma obra-síntese sobre o pensamento religioso, filosófico e jurídico do século XVIII. Na resposta, o

jurista disse-lhe não conhecer nenhuma síntese que preenchesse essa temática. Porém, aconselhou-o a ouvir Joaquim de Carvalho: "Verá que ele vai resolver seu problema. Carvalho sabe tudo" (MARTINS, 1978, p. XI).

Os prazeres do bibliófilo-investigador

A biblioteca de Joaquim de Carvalho é uma outra face essencial da sua vida e obra, elaborada com base em um conjunto de referências que o investigador-bibliófilo foi apurando ao longo dos anos. E, se as motivações cognitivas condicionaram fortemente a formação da sua biblioteca, o apreço às edições antigas ou originais, o valor à artesanania dos volumes, a possibilidade de tecer suas notas manuscritas no canto das páginas, o diálogo com as gentes e agentes do impresso, a atenção dada aos carimbos de livreiros e encadernadores, a marca de posse, com o *ex-libris* colado aos exemplares, a deferência de afetos intelectuais (vistas nas dedicatórias) também foram fortes na tessitura desse projeto. É que eles são expressões sensoriais que vão além da visão, sinais que podem revelar mais sobre a posse do que sobre as leituras, mais sobre o colecionador do que sobre o leitor.

Mas, nesse caso concreto, a dimensão de utilidade é clara e se faz presente em vários dos títulos que compulsou já por participarem dos seus temas de interesse, numa estratégia integrada aos seus projetos de investigação e edição. Mas, inseridos nessas mesmas coleções ou seções da sua biblioteca, a materialidade se articula aos conteúdos de cada livro formando, em coletivo, o "invisível" ou o significado das coleções, o que por sua vez desagua na construção e sentido da sua biblioteca, onde o todo é mais do que o somatório das partes. É o caso dos livros da sua *Espinósiana*, da sua *Anteriana*, de fundos como o sobre o "liberalismo português" ou daquele conjunto sobre poesia, por exemplo. E a mesma lógica rege a formação da sua *Brasiliãna*.

Joaquim de Carvalho e o Brasil

Se, até agora, esta narrativa se dedicou ao perfil de Joaquim de Carvalho na sua face de investigador-bibliófilo, privilegiando a relação que manteve com o impresso – o que se repercutiu em escritos do próprio e na memória deixada por alguns de seus contemporâneos –, ela também visou apresentar, mesmo que em linhas gerais, os fundamentos da sua enciclopédica biblioteca (ainda hoje conservada como totalidade). Por isso, estamos em condições de descer à caracterização de uma das principais seções da sua Livraria doméstica – a "insaciável e insofrida" *Brasiliãna*, como ele mesmo a definiu em carta a Thiers Martins Moreira, então coordenador do Centro de Pesquisas da Casa Rui Barbosa (Rio de Janeiro).

A própria existência dessa coleção dentro da sua Biblioteca, e que reúne, em Portugal,

mais de dois mil títulos de autores e edições vindos do Brasil, é em si demonstração do interesse que Carvalho desenvolveu pelo livro brasileiro, sobretudo na sua última década de vida. Daí ser importante conexionar a emergência deste interesse com o crescimento do seu intercâmbio com intelectuais daquele país e com a visita que, em 1953, fez a convite da Universidade de São Paulo (USP). E, sabendo que os objetivos subjacentes à constituição dos núcleos mais relevantes da sua biblioteca apontavam para uma acumulação bibliográfica que, tarde ou cedo, seria suporte de projetos de investigação e de edição, cabe perguntar se, no caso em apreço, se depara com propósitos análogos.

De fato, a “redescoberta” de um Brasil também intelectualmente rico e instigante por Joaquim de Carvalho repercutiu-se na sua ânsia em adquirir livros brasileiros nos anos 1950, ao ponto de, em menos de uma década, ter movimentado centenas de livros entre as duas margens do oceano. A sua correspondência brasileira demonstra que, para isso, contou com cumplicidades várias, mas com destaque para as que manteve com o uspiano João Cruz Costa, o principal instigador da estada de Carvalho como professor visitante na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da USP.

Sublinhe-se que o Brasil já figurava entre os interesses do português muito antes da viagem de 1953, assim como sua obra já se fazia conhecer em meios universitários. De onde ser antigo o seu relacionamento com intelectuais brasileiros. Recorde-se que Gilberto Freyre deixou testemunho acerca do primeiro encontro entre ambos, que ocorreu em Coimbra nos anos de 1920, quando Carvalho “era ainda um jovem mestre” e, portanto, antes do sociólogo ter lançado as bases da sua lusotropicologia (FREYRE, 1959, p. 5). E, na década de 1930, cartou-se enquanto diretor da Imprensa da Universidade de Coimbra, quer com Afrânio Peixoto, quer com Vicente Licínio Cardoso. Por sua vez, João Cruz Costa, um dos primeiros licenciados da USP, ainda em 1937, entrou em contato com o professor de Coimbra, solicitando-lhe o envio de alguns estudos de sua autoria que precisava consultar.

Na década de 1950, o diálogo entre Carvalho e Cruz Costa será retomado, ao mesmo tempo que se estendeu a outros nomes da Universidade de São Paulo (USP), como o professor da Faculdade de Direito, Miguel Reale, presidente do Instituto Brasileiro de Filosofia (IBF), que Carvalho conheceu pessoalmente, em Coimbra, em 1952. Este foi igualmente o caso de Thiers Martins (1904-1970) em 1950, e o de outros jovens investigadores, como José Arthur Giannotti (1930-), em 1952.

No entanto, é notório que a seção luso-brasileira desta sua “República das Letras” alcançará o seu patamar mais alto e projetivo com a viagem de 1953. Na intensa programação que realizou no Brasil, Joaquim de Carvalho comunicou e conversou com intelectuais de diferentes matizes, entre os quais estavam alguns que eram referência nos meios editoriais e acadêmicos brasileiros, muitos dos quais o professor da Universidade de Coimbra só conhecia dos livros. De fato, esta nova experiência possibilitou-lhe o usufruto de uma rica convivialidade presencial, como aconteceu com o poeta Manuel Bandeira, professor catedrático da Universidade do Brasil, ou com o escritor Ribeiro Couto, persona-

lidade que nos deixou um testemunho precioso do seu casual encontro com o professor português, em junho de 1953, à porta do Hotel Ambassador, na rua Senador Dantas (Rio), de onde nasceu uma improvável conversa sobre Espinosa num saguão situado no meio do agitado centro carioca.

São três, são quatro as lojas de disco? (Em desafio e concorrência, em todas elas a mesma placa rodava e a mesma voz evocava, por contraste, as ásperas delícias do sertão: "Olá mulher rendeira... olá, mulher rendada..."). Quantos cinemas ostentam cartazes e desperdiçam escandalosos jorros de iluminação? As mocinhas que saem dos escritórios caminham esbeltas, entre olhares cúpidos que lhes analisam as formas. Estacam os automóveis, estacam os elétricos, na longa espera do sinal verde da esquina, olho vigilante fixo num poste mascarado de arvoredo. É a hora frenética, é a hora nervosa da multidão carioca...

Pareceu-me absurdo que eu ali, e só ali, viesse a conhecer em pessoa o Professor Joaquim de Carvalho, discreto, anônimo, com o seu maço de livros debaixo do braço (COUTO, 1958, p. 95).

Outros, com quem já havia trocado cartas, também o conhecerão pessoalmente, como o historiador Affonso de E. Taunay. Há ainda o estreitamento de contato com alunos e jovens investigadores, caso de Florestan Fernandes, que, a convite de Carvalho, se tornará colaborador da *Revista Filosófica*, de Coimbra, em 1956 e 1957.

A descoberta de um Brasil de livros

Depois de três meses de estadia (de 18 de abril a 8 de julho de 1953) em São Paulo, como também em Minas Gerais e no Rio de Janeiro, Joaquim de Carvalho regressou a Coimbra carregado com três caixotes e uma mala só de impressos adquiridos no Brasil. Isso, "fora pacotes de livros, que deixei no Rio, e não sei como hei de levar", escrevia à esposa antes de embarcar (ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL DA FIGUEIRA DA FOZ, 1953, fl. 1). Era a bagagem de um investigador empenhado em aproveitar a ocasião para acumular bibliografia que considerava necessária para o seu ensino e para projetos científicos futuros. Ele próprio, ainda nos inícios da viagem, confessou ao historiador e exilado antissalarista Jaime Cortesão que um dos motivos da sua visita foi a intenção de se "documentar bibliograficamente com os livros e fontes que interessem aos meus planos" (BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL, 27/4/1953, fl. 1 verso). Em simultâneo, a experiência que colheu dos seus contatos com o meio universitário e intelectual brasileiro foi também decisiva para uma mais sólida e transdisciplinar acumulação bibliográfica.

Como já sugerido, a propensão bibliófila de Carvalho esteve sempre a serviço da formação de fundos de consulta, nem que fosse para projetos futuros ou em curso. Naquele momento, é possível perceber uma tomada de consciência de que as suas investigações sobre Portugal também passavam por uma mais profunda compreensão do processo que foi edificando a identidade brasileira. E basta um mero olhar perfuntório sobre os títulos

que dão corpo à sua *Brasiliana* para surpreender a relevância de obras de cariz histórico (com destaque para temas sobre o Brasil-Colônia, a Independência e o advento da República no Brasil). Mas, também nos deparamos com outras edições de autoria brasileira e de grande incidência interdisciplinar – Filosofia, Sociologia, Educação, Licenciatura, Etnologia –, incluindo muitos títulos cujo conteúdo tem relação com a temática dos contributos regionais para o xadrez que estava a construir a identidade brasileira. Em síntese, tudo isto mostra que Carvalho encontrou no Brasil uma vasta gama de publicações que transportou para Portugal, tendo em vista usá-la como suporte de futuros trabalhos originais, ou na revisão de estudos publicados e que pensava reescrever.

Este fundo bibliográfico também servirá para provar aos mais céticos que, ao contrário do que acontecia em Portugal, a investigação histórica não estava de costas voltadas para as demais ciências sociais. De onde ter passado a incluir alguns livros brasileiros na bibliografia de cadeiras que lecionava na Faculdade de Letras da UC e na agenda das leituras dos amigos com quem mais dialogava, mormente os escritos de vários “intérpretes do Brasil”, caso não só de Gilberto Freyre (seu velho conhecido), Caio Prado Júnior (autor de interlocução mais recente) e Sérgio Buarque de Holanda, mas também de José Honório Rodrigues, Nelson Werneck Sodré, Antônio Cândido, e, num outro registro, dos já clássicos Capistrano de Abreu, Euclides da Cunha e Paulo Prado.

Nesse jogo de espelhos, suas recentes reflexões sobre a compleição do modo de ser português foram confrontadas com um Brasil testemunhado e intelectualmente melhor conhecido. E, independentemente do fato de não ter vivido o tempo suficiente para sistematizar muito do que pensou, são estimulantes alguns dos juízos que encontramos exarados na intimidade, mesmo que vigiada, da sua correspondência. Além desta, outras repercussões da “experiência brasileira” de Joaquim de Carvalho nos seus projetos e ideias podem ser encontradas, muitas vezes somente como intenção, quer no diversificado conjunto de textos que incluem resenhas de livros, publicadas na *Revista Filosófica*, quer nos seus escritos explícitos sobre assuntos brasileiros e/ou apresentados no Brasil,⁵ quer na sua biblioteca (com as inscrições e marcas de leitura inseridas na margem dos livros), quer em textos e missivas de seus interlocutores, quer, ainda, em iniciativas planeadas com editoras e com os seus pares, portugueses e brasileiros.

Infelizmente, muitos desses propósitos nunca serão realizados, em boa parte em razão de sua morte prematura. No entanto, no que foi efetivamente concretizado, nas suas manifestações de vontade e nas suas próprias confissões (sobretudo na correspondência), é possível confirmar algumas realizações, mesmo quando a sua materialização teve por veículo iniciativas que já vinham de anos anteriores a 1953, exemplo da *Revista Filosófica* e das publicações que organizava na Editora Atlântida e na Universidade de Coimbra. Por outro lado, Joaquim de Carvalho soube dar vida a uma rede intelectual-afetiva, cimentada, em muitos casos, pela amizade e pelo amor aos livros e, em outros, pelo desejo de cooperação em iniciativas comuns.

Pontes de diálogo e afinidades intelectuais

Se a leitura é uma das grandes formas de convivência ideativa, ela também é catalisadora de *sociabilidades intelectuais* (GOMES; HANSEN, 2016, p. 15) de vária índole. Para o caso do estudo das relações de Joaquim de Carvalho com o Brasil, dessa rede informal e dispersa fizeram parte personalidades que tinham forte inserção institucional, tendo ele privado com boa parte delas, particularmente ligadas a São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Porém, também se relacionou com outras não visitadas, como aconteceu com Edgard Cavalheiro, editor com quem buscou firmar pontes de colaboração, como se verá. Concretamente, do Rio Grande do Sul ao Ceará, a sua rede epistolográfica estendeu-se, envolvendo escritores, editores, universitários em maioria, de uma ponta a outra do país. Em alguns dos casos, foi da leitura de um livro, ou do conhecimento de uma publicação, que o interesse despertado levou, como passo seguinte, ao envio da carta e, assim, a trocas de juízos e à circulação de ideias, não raro acompanhadas pelo intercâmbio de livros.

Por exemplo: foi por esta via que Joaquim de Carvalho passou a cambiar livros com o professor da Universidade Federal do Ceará, Abelardo F. Montenegro. Nunca se encontraram pessoalmente, como Montenegro registrou em 1958, ao qualificar esse convívio entre as "amizades que se firmam e admirações que se consolidam apenas pela simples correspondência epistolar" (MONTENEGRO, 1958, p. 3). O professor cearense descreveu-nos um Joaquim de Carvalho atento à bibliografia de caráter regional e interessado nos aspectos sociológicos, de modo a compreender as diferentes matrizes sociais brasileiras, o que pode também ser confirmado na sua biblioteca. Quer em virtude do viés sociológico, ou mesmo político, esta propensão logo despertou a atenção da polícia política portuguesa (PIDE), cujo serviço de verificação registrou "para superior conhecimento" um desses livros em 1957: *Maquiavel e o Estado* (ARQUIVO NACIONAL TORRE DO TOMBO, NT10390, fl. 37, 1957).

Como de praxe, em troca, o professor coimbrão enviava a Montenegro as "preciosas obras", suas e de outros, que iriam fazer parte da biblioteca do cearense, instalada em Fortaleza. Mais do que limitar-se a acusar a recepção dos livros, Carvalho comunicava as suas impressões de leitura com "a bondade e a fidalguia espiritual que lhe eram peculiares", mas também com a preocupação de compreender e de contextualizar o que lia, como foi o caso da obra de Montenegro: "Tomando conhecimento de meus livros sobre a área cearense de seca e de fome, não se esquecia êle de salientar a contribuição do autor à sociologia regional" (MONTENEGRO, 1958, p. 3).

Outros correspondentes brasileiros, incluindo os que nunca conheceu pessoalmente, mas cujas relações chegaram a ser de amizade intelectual, são localizáveis nas dedicatórias inscritas em muitos livros que lhe foram ofertados, prova material de um dos meios que alicerçou o funcionamento desta espécie de "internacional da inteligência" (MARTINS, 1958, p. 102) e uma boa fonte para reconstituirmos o mundo de contatos que Joaquim de Carvalho manteve com um relevante setor da intelectualidade brasileira dos anos 1940 e

sobretudo inícios de 1950. Então professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade do Paraná (1951-1962), Wilson Martins enviou, desde Curitiba, seus livros para Joaquim de Carvalho a partir de, pelo menos, 1953, ano da viagem deste ao Brasil. No entanto, em 1956, afirmava que ainda não o conhecia pessoalmente, embora estivesse informado acerca do “trabalho fecundo e sério que, como outros professores estrangeiros, realizou na Universidade brasileira” (MARTINS, 1958, p. 102). Com isso, o professor português tinha dado um contributo importante “para a emancipação intelectual de um País que não deseja repudiar as suas raízes europeias, mas que não quer, tampouco, falhar ao seu dever de criar uma personalidade própria” (MARTINS, 1958, p. 102). Para concretizar essa tarefa, “delicada e complexa”, o professor conimbricense tinha dado provas de abertura à diferença, atitude só possível nos que são capazes de compreender a filosofia como uma “maneira de viver”, em vez de “mantê-la reduzida à condição de um ‘sistema’” (MARTINS, 1958, p. 102).

Por outra via, menos teórica e mais sensitiva, Américo Jacobina Lacombe descreveu a descoberta de *afinidades eletivas* com Joaquim de Carvalho desde o primeiro encontro ocorrido na Casa de Rui Barbosa. Acostumado a receber “visitantes ilustres”, o diretor da instituição e professor da Universidade Católica do Rio de Janeiro se disse surpreendido por quem lhe apareceu como “o mais cordial dos amigos” durante o percurso entre os livros e a mobília da biblioteca pessoal de Rui Barbosa. “O interesse em ver e apreciar o que ali se guarda fez-me lembrar a frase tão citada: – ver bem não é ver tudo: é ver o que os outros não vêem”. Ao fim da visita, sentiu a emergência de uma empatia “fundada em sólidas bases”, rememorou Lacombe em escrito de 1956, publicado após dois anos (LACOMBE, 1958, p. 28). Por sua vez, o fato de a conversa ter revelado que os seus avós tinham emigrado da Figueira da Foz – terra natal de Carvalho – estabeleceu “o vínculo definitivo entre nossos espíritos”, na confissão de Lacombe, que depois chegou a atravessar o oceano para reencontrar suas raízes portuguesas.

Um amigo acionou outro amigo e, assim, essa comunidade intelectual e afetiva se mobilizou também para a reprodução e o envio para Coimbra de fontes e documentos raros, em paralelo com outra bibliografia mais generalista e menos urgente. A este propósito, cite-se este caso. Na correspondência do historiador José Honório Rodrigues, então diretor da Seção de Publicações e Obras Raras da Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, encontra-se uma carta do jurista Ivan Lins (docente da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro) a agradecer, “com efusão”, o envio de microfilmes ao professor da Universidade de Coimbra, em 16/4/1957 (RODRIGUES, 2000, p. 111), solicitação que contou também com o intermédio do professor da USP, João Cruz Costa.

Ainda no núcleo carioca, outra correspondência demonstra o estreitamento de relações com Thiers Martins Moreira e Antônio Carneiro Leão, nomes que participaram de sua acolhida em 1953 e a quem também se conectou para a troca de publicações. Para este último – decano da Universidade do Brasil –, se Joaquim de Carvalho impressionava pela

"alta cultura" que possuía, a sua personalidade mostrava ainda a presença de uma outra característica, que os "brasileiros prezam acima de tudo": a sua sensibilidade (LEÃO, 1958, p. 32). Já no conjunto de cartas enviadas a Thiers Martins, ficaram expressos os efeitos da viagem de 1953 no diálogo cultivado, mesmo que por vezes intermediado por este, com Pedro Calmon, Manuel Bandeira, Ferdinando de Sousa da Silveira, além do "bom amigo" Carneiro Leão, ou seja, com o grupo de professores da Universidade do Brasil (Rio) de onde também surgiu o convite para seu retorno ao país em 1954 como professor visitante no Rio de Janeiro (ARQUIVO-MUSEU DE LITERATURA BRASILEIRA/FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA, 25/5/1955).

Em São Paulo, além dos catedráticos ou membros de academias e institutos, participaram ativamente neste epistolário alguns dos estudantes e jovens assistentes com quem Carvalho conviveu na USP (como Linneu de Camargo Schültzer, Cleonice Berardinelli), mas também alguns outros que já tinham passado por Coimbra, caso de José Arthur Gianotti e Laerte Ramos de Carvalho. Por vezes, intermediado por João Cruz Costa, esse grupo chegou a se dividir no envio de periódicos e aquisição de publicações que iam ao encontro do extenso rol de interesses do antigo diretor da IUC. A estratégia também reduzia os riscos de apreensão de impressos pela alfândega ou pela censura, especialmente quando se tratava de publicações sobre assuntos de atualidades. Um exemplo. Por carta dos princípios de 1954, Cruz Costa informava-o que tinha mandado "uma Gazeta do dia 25" e que "o Laerte ficou de lhe mandar o "Estado de S. Paulo"; o Schültzer, a Folha da Manhã e o Aluizio de Andrade, amigo do Gianotti e seu aluno, mandar-lhe-á o "Diário Estado de S. Paulo" (ARQUIVO FAMILIAR JOAQUIM DE CARVALHO, 7/2/1954, fl. 1).

Entre os mineiros, sabe-se que se carteceu com o escritor Cyro dos Anjos, professor de Estudos Brasileiros na Universidade Autônoma do México (1952) e da Universidade de Lisboa (1954), altura em que ambos aprofundaram as suas relações. No entanto, mais do que listar nomes por quem guardava a gratidão da acolhida na Faculdade de Filosofia de Minas Gerais, Joaquim de Carvalho colheu juízos favoráveis do ambiente universitário de Belo Horizonte, na comparação que fez com o do Rio e com o de São Paulo, impressão que, em 1954, comunicou a Cruz Costa:

O meu querido Cruz Costa, paulista cem-por-cento, não se ofenda, mas leve os seus colegas a Belo Horizonte para que vejam e sintam o encanto do companheirismo universitário, q em parte alguma encontrei tão viçoso, comunicativo e cativante como na capital mineira. Lembre-me aos amigos Versiani, Alvim, Aires da Mata, Magalhães Gomes, Wilton Cardoso e um jovem prof. de Matemática, cujo nome não recordo e com quem estou em dívida, e ao charmeur Eduardo Friero. Diga-lhes q o meu silêncio não é esquecimento, e que um dia repararei a falta com alguma fatura. Não se esqueça também - e mto. lho peço, de Vicenzo Spinelli, q desde Coimbra estimo e aprecio, como carater e como escritor (BIBLIOTECA FLORESTAN FERNANDES, 8/7/1954, fl. 1).

Em outras correspondências estão patentes os esforços de Carvalho para impulsionar a circulação do livro e a discussão de ideias nesse alargado desejo de "companheirismo

acadêmico”, revivificado, fosse mediante a aquisição de impressos, fosse com o fomento de encontros entre autores com afinidades entre si. Por exemplo, este empenho levou o professor da Universidade do Recife, Amaro Soares Quintas (1911–1998), a quem disse “muito estimar”, a ter acesso a um volume avulso da coleção do Congresso do Mundo Português, por meio do envio da obra pela editora – Academia das Ciências de Lisboa (ARQUIVO DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA, 16/9/1955); ou ainda quando apresentou, por carta, o referido professor brasileiro a Marcello Caetano, por causa de um artigo que este tinha publicado na *Revista de História* e que despertou o interesse do pernambucano. Carvalho definiu-o como “o historiador da Revolução Praieira, que ele vê à luz de 48, e tem chamado a atenção para a importância histórica do pequeno noticiário dos jornais” (ANTT, 3/5/55).

Cumplicidades editoriais

Como já ficou salientado, para além da permuta de impressos e ideias, o intercâmbio do professor de Coimbra com o Brasil, acelerado após a viagem de 1953, se refletiu em projetos editoriais que pensava vir a concretizar ou na participação em iniciativas de origem brasileira, mesmo que algumas só tenham sido efetivadas posteriormente ou até mesmo após o seu falecimento em 1958. (Exemplo pouco referido são as sucessivas reedições da sua tradução da *Ética*, de Espinosa, na coleção brasileira *Os Pensadores*, a partir dos anos 1970).⁶

No que concerne ao mundo da edição, Carvalho tornou-se, em Portugal e na pequena “República das Letras” luso-brasileira que impulsionou, numa ativíssima placa giratória no que toca a circulação de livros, ideias e informações entre os dois lados do Atlântico. Sobre esta última vertente, encontramos um bom testemunho na correspondência que trocou com Thiers Martins sobre os planos do filólogo e linguista alemão Joseph Maria Piel (1903–1992), então professor em Coimbra, e que estava a preparar uma edição crítica do *Vita Christi* (1495), de Ludolfo Cartusiano. Deu-se a coincidência de Thiers também estar a preparar a edição da mesma obra,⁷ iniciativa que conheceu por intermédio do amigo coimbrão (ARQUIVO-MUSEU DE LITERATURA BRASILEIRA / FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA, 23/10/1953).

Por sua vez, basta ter presente o currículo de Carvalho como editor de livros e de uma revista para não haver surpresa no que tange ao seu empenhamento nestes domínios. Mais do que um *intermediador* cultural atualizado, o professor da FLUC era há muito um ativo e influente protagonista da produção de livros de alta cultura. E, se o fecho da Imprensa da Universidade de Coimbra em 1934, por ordem da ditadura do Estado Novo, quebrou muito do anterior ativismo neste campo, a verdade é que, nos anos 1950, encontramo-lo, agora por iniciativa privada, a dirigir uma publicação periódica e uma coleção de livros filosóficos, veículos e modelos a que recorrerá para dar uma imediata concretude ao reforço do mútuo conhecimento das realidades culturais de Portugal e do Brasil.

De fato, uma boa prova da imediata tradução do entusiasmo que trouxe do Brasil encontra-se bem plasmada quer nas 11 resenhas de autores brasileiros que publicou, de 1952 a 1957, na *Revista Filosófica*, quer no rol de colaboradores da mesma publicação. Por sua vez, enquanto diretor da coleção "Biblioteca Filosófica", da editora Atlântida de Coimbra, e de publicações "a mando" da Universidade, Carvalho podia mais facilmente propor traduções e edições portuguesas de autores brasileiros, como o fez. Por exemplo: entre os seus planos estava o desejo de lançar a tradução portuguesa do livro de Carneiro Leão, *Panorama sociologique du Brésil* (1953), recém-lançado em Paris⁸ e que Carvalho logo recenseou. Na prática, esses diferentes papéis estavam interligados e participavam da dinâmica dessa rede de afinidades que a troca de correspondência, permuta de impressos e mesmo a amizade solidificavam.

No entanto, os livros que sonhou editar ou revisar sob o efeito imediato da viagem e nos anos seguintes ficaram por fazer ou só chegaram ao prelo depois de 1958. Os motivos foram diversos, mas a interrupção das condições de trabalho em virtude da doença que o levará à morte foram responsáveis pela exiguidade do que efetivamente conseguiu realizar. Por outro lado, as suas pesadas obrigações escolares, conjugadas com o trabalho expendido na edição de publicações como a *Revista Filosófica*, a *Revista da Universidade* e os títulos da *Biblioteca Filosófica* (que dirigia desde 1947), contribuíram, igualmente, para a existência de uma grande distância entre o idealizado e o tempo necessário para consumir tantos projetos.

Não se sabe se foi por esses ou por outros motivos que a resenha sobre *Dialética do Conhecimento*, de Caio Prado Júnior, anunciada a João Cruz Costa para o verão de 1954, nunca foi publicada, ou mesmo escrita. É verdade que o exemplar depositado na biblioteca de Carvalho, com sublinhados e notas nas margens de suas páginas, indicia uma leitura ativa e crítica. E, embora o autor não apareça diretamente mencionado em nenhum dos escritos do professor de Coimbra, com exceção de uma carta-prefácio publicada pelo próprio ainda em vida (CARVALHO, 1996, p. 153), o certo é que o considerava um "penetrante espírito", prova de que cedo intuiu a importância da obra de alguém que estava a afirmar-se como um dos mais influentes "explicadores" da formação do Brasil. Deste modo, não deve surpreender o número de escritos do historiador brasileiro que tinha na sua biblioteca e os juízos que, a seu respeito, lavrou em alguma correspondência (BIBLIOTECA FLORESTAN FERNANDES, 12/4/1954; 14/4/1954).

Em paralelo com a maturação de seus temas de investigação que envolveriam o Brasil, foi como editor que Joaquim de Carvalho mais concretamente direcionou seus esforços imediatos na efetivação de parcerias luso-brasileiras. É um fato que, nos anos 1950, o ex-diretor da Imprensa da Universidade não contava com a estrutura editorial de outrora e que continuava em aberto a necessidade de encontrar veículos culturais com uma vocação luso-brasileira mais exclusiva. A base editorial coimbrã serviu para dar prelo, tanto a obras de sua autoria, como de outros que tencionava editar. Ou seja, para aquelas publicações

mais eruditas, Joaquim de Carvalho encontrava abrigo na Revista da Universidade, sob o selo da coleção *Inedita Ac Rediviva*, ou podia propô-las aos anais da Academia das Ciências de Lisboa, local onde trabalhava também na edição das Obras de Pedro Nunes. Os estudos voltados para um público mais largo de estudiosos, acompanhados de traduções de textos originais, esgotados ou indisponíveis em português, eram direcionados para a coleção Biblioteca Filosófica, da Atlântida editora. Já os escritos de maior atualização acadêmica, com forte viés interdisciplinar, incluindo artigos, resenhas, informes, tinham espaço na *Revista Filosófica*.

Como se impunha ir mais longe, já em 1953, procurou o envolvimento de amigos como Jaime Cortesão e João Cruz Costa, além do apoio financeiro de “ricos liberais da colônia portuguesa” no Brasil, para um plano de publicações mais diretamente voltado para a intelectualidade dos dois países. Intento que aparece explicitamente fundamentado, pouco depois do seu retorno a Portugal, em carta que enviou ao professor da USP:

O Jaime Cortesão já chegou. Virá almoçar connosco, aqui ou em Coimbra e então falaremos. Tenho o propósito de o interessar – ou antes interessar os ricos liberais da colônia portuguesa – em certas pub. luso-brasileiras nas quais desejaria incluir escritos do Silvestre Pinh. Ferreira. O almoço q me ofereceram no Rio, horas antes da saída do barco, as afirmações q ouvi dos convidados mais cotados econômica e politicamente, etc, levam-me a crer que não será mau passo (BIBLIOTECA FLORESTAN FERNANDES, 22/9/1953, fl. 1-2).

O caso é bem ilustrativo dos contornos do projeto que imediatamente achava exequível: promover edições críticas de autores que tivessem a ver com a história luso-brasileira, pelo menos desde o século XVIII e os inícios de Oitocentos. Daí que tenha considerado ser prioritária a edição de um autor mal estudado e que viveu nos dois lados do Atlântico. Tratava-se de Silvestre Pinheiro Ferreira (1769-1846), definido pelo próprio Carvalho, já em 1930, como um dos grandes nomes do direito público moderno (CARVALHO, 1930, p. 202), e, em 1935, como “filósofo e publicista famoso” (CARVALHO, 1935b, p. 113-114), “figura respeitável cujas ideias eram garantias para os liberais” (CARVALHO, 1935a, p. 84), entre outras perspectivas.

Nos finais de 1953, o projeto de edição das Obras Completas de Silvestre Pinheiro Ferreira contava com a participação direta de João Cruz Costa. Em paralelo, e semelhante ao que desenvolvia em Portugal, Carvalho propunha também a criação de uma “Biblioteca de Filósofos e pensadores, ou biblioteca de textos filosóficos”, com a publicação de obras fundamentais “de todos os tempos” em português, envolvendo instituições e editoras brasileiras. Concretamente, Carvalho estava interessado na formação de um “meio filosófico brasileiro” a partir de edições especializadas e da colaboração de parceiros sensíveis a esta ideia (como o assistente da USP, Linneu de Camargo Schültzer, ou, em Minas, o professor Artur Versiani Veloso), bem como de editoras com capacidade e perfil adequado à empresa, em particular a de José Olympio e a Globo, além do Instituto Nacional do Livro. Na sequência, percebia que a reunião dos grupos que animavam os núcleos paulistas onde

se discutia filosofia (a FFCL da USP e o IBF, dirigido por Miguel Reale) poderia fortalecer o sucesso de uma ideia cuja justificação assentava nesta certeza: nos dois lados do Atlântico, havia um déficit no tocante ao acesso a textos filosóficos em português. E a prioridade conferida às fontes e à sua hermenêutica seria fundamental para a radicação de uma cultura filosófica até ali muito sujeita a modismos na recepção do pensamento contemporâneo e a análises que pecavam pelo seu excessivo ensaísmo. Em concreto:

A 1ª proposta [obra completa de Silvestre Pinheiro Ferreira], creio q seria um bom serviço q prestamos. A ed. poderia ser feita pelo Inst. do Livro, mas também pode ser feita pela sua Facª; mas terá esta fundos?

Quanto à Bca. Filosófica talvez fosse bom q ssaísse como ed. da Fac. de, expandia-se ao Instituto M. Reale. Que lhe parece? Se concordar, fale no caso ao Dr. Simões, mas com a máxima reserva. Dar 2 políticas a seguir na constituição de um meio filosofico brasileiro, este da publicação de alguns textos fundamentais, de todos os tempos, assinalaria uma atitude mais útil, fecunda e séria do q a assimilação ou divulgação de correntes contemporâneas, mais ou menos fugazes, e no qual mais ensaísticas q filosóficas (BIBLIOTECA FLORESTAN FERNANDES, 26/11/1953, fl. 2, grifos do autor).

Do lado brasileiro, Cruz Costa tinha contatos privilegiados nos meios editoriais e acadêmicos, o que permitiu que, em princípios de 1954, tivesse conquistado o interesse do escritor e editor Edgard Cavalheiro (1911-1958), então representante da editora Livraria do Globo, em São Paulo. Crítico literário, biógrafo e jornalista, Cavalheiro era o responsável pela agregação de intelectuais da capital paulista aos projetos daquela casa, que tinha sede em Porto Alegre e que, desde os anos 1940, situava-se entre as maiores editoras do país, com forte atuação do escritor Érico Veríssimo como coordenador editorial na sede gaúcha (TORRESINI, 1999, p. 76). Entende-se, assim, que a proposta comunicada pelo professor da USP fosse ao encontro do interesse da empresa no domínio do ensino superior de ciências humanas e no da ampliação de seu catálogo de traduções.

Assim, a edição de uma Biblioteca Filosófica no Brasil avançou entre os três envolvidos – Joaquim de Carvalho, Cruz Costa e Cavalheiro – grupo que, durante um ano, tentou gizar um conjunto de títulos a publicar e de nomes de portugueses e brasileiros a convidar como tradutores e prefaciadores. Em Portugal, Carvalho sugeriu inicialmente José Pecegueiro e Vieira de Almeida, para verterem para português, livros de Rousseau e Santo Agostinho, respectivamente. E ele próprio traduziria a edição do *Tratado da Correção do Intelecto* (*Tractatus de Intellectus Emendatione*), de Espinosa. A editora brasileira também se interessava pela reedição de obras já saídas, em Coimbra, na *Biblioteca Filosófica* da Atlântida de Coimbra, segundo lhe informou Cruz Costa (ARQUIVO FAMILIAR JOAQUIM DE CARVALHO, 9/5/1954).

Em face da proposta da editora Globo, Carvalho revelou um particular interesse no contributo de José Pecegueiro no projeto, excluído pelos editores pelo fato de as obras de Rousseau a traduzir já estarem sob a responsabilidade de Lourival Gomes Machado, professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. Para o professor da UC, além

dos méritos acadêmicos, o seu empenho em Pecegueiro também tinha uma motivação solidária: por razões políticas, este estava a sofrer restrições profissionais, situação que, em fins de 1954, Carvalho expôs a Cruz Costa nestes termos: “O José Pecegueiro ficou mto. triste; não será, porém, possível aceitar-lhe o trabalho? É um tolerado, vive de lições em colégios, é moço de talento; seria como q uma compensação” (BIBLIOTECA FLORESTAN FERNANDES, 15/9/1954, fls. 1-2, grifo do autor).

Boa parte da proposta foi avante e, em 1955, Cruz Costa dava notícias acerca do plano definitivo apresentado pela editora. Além de Vieira de Almeida (com Santo Agostinho), Lourival Gomes Machado (com Rousseau), iriam participar igualmente Lívio Teixeira (com Descartes) e Agostinho da Silva (com D´Alambert), além de Carvalho (com Espinosa) e Cruz Costa (com Comte). O formato seria o mesmo da coleção alemã *Urban Bibliothek*, “com 170 a 180 pgs. Trarão o retrato do filósofo, uma cronologia da vida e obras, (como naquele coleção espanhola em que saiu o Criticon), uma biografia e uma bibliografia também resumida” (ARQUIVO FAMILIAR JOAQUIM DE CARVALHO, 29/7/1955, fl. 1, grifo do autor).

Apesar de bem encaminhado, o empreendimento encontrará vários escolhos, incluindo os problemas de saúde de Joaquim de Carvalho, razão que fez adiar o fecho da sua tradução e estudo de Espinosa. A este fato vieram juntar-se as mudanças que ocorreram na dinâmica da editora e que imprimiram um desinvestimento nas coleções acadêmicas (TORRESINI, 1999, p. 99, 104). E, na sequência da saída de Edgard Cavalheiro do grupo do Globo, em fins de 1955, Cruz Costa decretou, “amavelmente”, o fim dos acertos com a editora no início de 1956 (ARQUIVO FAMILIAR JOAQUIM DE CARVALHO, 10/1/1956). Diante destas dificuldades, Carvalho ainda equacionou a possibilidade de materializar o plano em Portugal, no entanto, só virá a editar, em 1957, a tradução de Vieira de Almeida dos *Contra os académicos* de Santo Agostinho.

Já o projeto de edição crítica das *Obras Completas de Silvestre Pinheiro Ferreira* não será abandonado até o falecimento do professor em 1958. Com a ajuda de Cruz Costa, em 1957, Joaquim de Carvalho conseguiu ter acesso aos artigos que Silvestre tinha publicado no jornal *O Patriota*, do Rio de Janeiro (BIBLIOTECA FLORESTAN FERNANDES, 16/6/1957). Mas a edição dos seus *Escritos Filosóficos* – o primeiro volume do projeto – ficou inacabada. Na luta contra a doença, Carvalho deixou 240 páginas compostas, que somente em 1960 serão publicadas na *Revista da Universidade de Coimbra*, com um discreto prefácio em memória do professor e diretor da publicação.⁹

Mesmo depois de doente, tinha em mãos outros planos que compartilhava com o seu fiel amigo brasileiro Cruz Costa: “vejo sem nuvens o futuro, embora sinta a saciedade do serviço docente, p^a o qual já não tenho disposição” (BIBLIOTECA FLORESTAN FERNANDES, 28/3/1956, fl. 1). As cartas mostram que não deixou de pensar em novos livros para o prelo, fossem os *Apointamentos sobre a educação de um menino nobre*, de Martinho de Mendonça, fossem as obras de Silvestre Pinheiro Ferreira e de Francisco de Melo Franco. E ainda outros, como o respeitante à escrita de uma *História da Liberdade Humana* (FER-

NANDES, 1963, p. 11) e aquele que designou (a Victor de Sá) por *História do Patriotismo*. Por outro lado, também há notícia de que, quando morreu, teria em mãos ou na sua mente, mais de quatorze projetos (FERNANDES, 1963, p. 11). Não se sabe muito sobre a verdade destas expectativas e respectivos conteúdos. Mas, tudo isto somado comprova a justeza do retrato que, em 1958, o seu antigo assistente Eduardo Lourenço traçou do Mestre, ao recordar o "optimismo doloroso do ilustre doente absorvido, como sempre, na evocação de um sem número de projectos e obras em vias de acabamento" (LOURENÇO, 1958, p. 7).

O intercâmbio latino-americano na *Revista Filosófica*

Como solução imediata, a *Revista Filosófica* foi, sem dúvida, o meio a que Joaquim de Carvalho recorreu para dialogar com o mundo cultural das ex-colônias ibéricas. Com efeito, após 1953, aquele periódico aumentou a colaboração de autores latino-americanos, onde, não por acaso, a de origem brasileira estará em maioria entre os não-portugueses. Dando corpo a uma ideia que já datava dos inícios da década de 1930 e que o fecho da Imprensa da Universidade bloqueou (CARVALHO, 2016, p. 50), o seu primeiro número saiu em março de 1951. O seu título – *Revista Filosófica - Publicação quadrimestral de estudos filosóficos e histórico-científicos* – exprimia bem o cunho interdisciplinar que o seu diretor almejava imprimir-lhe, ao mesmo tempo que a sua justificação apontava para horizontes de internacionalização (com a Europa e com a América Latina), mas onde, já no momento fundador, emergia a importância do Brasil. Daí que a análise dos 21 números lançados até 1957¹⁰ revele uma presença brasileira muito significativa no contexto geral dos textos publicados.

Na verdade, logo em 1951, Carvalho apresentou seu plano já com os "olhos fitos no mundo da fala portuguesa e nos temas que mais importam à nossa situação cultural e à peculiaridade da nossa índole" (CARVALHO, 1951, p. 11). Propósito que veio a concretizar-se, maioritariamente, por meio do contributo português (em maior número, com 29 nomes) e do oferecido por 12 autores brasileiros publicados na Revista durante a vida de Carvalho: Alexandre Correia, Fernando de Azevedo, Florestan Fernandes, João Cruz Costa, Linneu Camargo Schützer, Lourival Machado (da USP), Cyro dos Anjos (Universidade Federal de Minas Gerais), Eduardo Prado de Mendonça (Faculdade Nacional de Filosofia, Rio de Janeiro), Euryalo Canabrava e Evaristo de Moraes (Universidade do Brasil, Rio de Janeiro), Ivan Lins (Faculdade Nacional de Direito, Rio de Janeiro), Luiz Luisi (Faculdade de Direito da Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre).

A correspondência de Carvalho com João Cruz Costa confirma que, pelo menos desde quando o primeiro número da Revista estava no prelo, o seu diretor guardava expectativas com o interesse do Brasil para conseguir o mínimo total de 500 assinaturas: "será possível?". A angariação de subscritores era vital dado o caráter do que foi caracterizada por ele como "grande e arriscada empresa, que sai desajudada de qualquer auxílio oficial, por a desejar livre e isenta". Também é nesse momento que solicita a primeira colaboração do uspiano no envio

de um artigo para o nº 3, dedicado a Francisco Sanches (1550-1622): “Ninguém melhor que o meu caro Dr. Cruz Costa representará com autoridade o Brasil” (BIBLIOTECA FLORESTAN FERNANDES, 1/3/1951, fl. 1).

No entanto, apesar de o amigo paulistano enviar uma lista de possíveis assinantes brasileiros (Faculdades, bibliotecas, professores universitários de quem lembrava ou tinha endereços em São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Rio Grande do Sul, Bahia, Ceará, Amazonas) (ARQUIVO FAMILIAR JOAQUIM DE CARVALHO, 28/3/1951), o artigo não pôde ser enviado. É somente com a viagem de Joaquim de Carvalho ao Brasil que os propósitos de colaboração intelectual de Cruz Costa e outros brasileiros melhor se materializam. Dos doze autores brasileiros da *Revista Filosófica*, onze iniciam sua participação a partir desse acontecimento.¹¹

Quanto aos demais latino-americanos, novamente a correspondência de Carvalho demonstra a participação de Cruz Costa para a interlocução daquele com Arturo Ardao (Uruguai), Francisco Romero (Argentina) e Leopoldo Zea (México): também em 1951, o brasileiro envia os endereços para a divulgação da *Revista Filosófica* nos respectivos países. Na edição de dezembro de 1957 (nº 21), a colaboração de Zea para a revista coimbrã se realiza com o artigo “Fenomenologia e dialética de esquerda e direita”. Este e os estudos do peruano Miró Quesada (“A crise da Ciência e teoria da razão”) e do argentino Risieri Frondizi (“Valor e Situação”), também publicadas no nº 21, foram comunicações apresentadas no V Congresso Interamericano de Filosofia, realizado em julho daquele ano em Washington (Estados Unidos), traduzidos para o português para a publicação portuguesa. Mais uma vez fica expresso o contributo de Cruz Costa, que participou do Congresso em Washington e que repassou a Carvalho (carta de 16/7/1957) os informes do evento nos Estados Unidos, além de indicar alguns autores a quem o editor da *Revista Filosófica* poderia escrever e ter enviado publicações que seriam do interesse do amigo. A edição de dezembro desse ano também conta com a colaboração de Francisco António Avelino (República Dominicana), cujo artigo “Filosofia, veracidade e originalidade” saído na *Revista Dominicana de Filosofia* nº 2 (Trujillo: Faculdade de Filosofia da Universidade de Santo Domingo, julho-dezembro de 1957) foi traduzido por Carvalho.

O incentivo à aproximação do português com intelectuais latino-americanos refletia o crescente interesse do próprio professor da USP, antes fortemente francocêntrico, desde a sua formação, pela cultura do continente. Mas, se as relações de Cruz Costa com uma rede intelectual formada em torno de Leopoldo Zea são melhores conhecidas (OLIVEIRA, 2012), também procurou envolver o amigo de Coimbra em um percurso análogo. Fato é que, a partir de 1954, as colaborações vindas da América Latina foram mais constantes no periódico de Carvalho: Honório Delgado, da Universidade de São Marcos (Peru) com dois artigos (“A medicina e a psicologia”, n. 11, em 1954 e “Nicolai Hartmann e o reino do espírito”, n. 18, em 1956); o ex-reitor da Universidade Nacional da Colômbia, Abel Naranjo Villegas (“El Castellano Filosófico”, n. 19, 1957); e, da Universidade de Tucumán (Argentina), o alemão Werner Goldschmidt colaborara com o estudo “A culpabilidade e o inconsciente”, n. 17, em 1956, numa

diversidade temática que incluía assuntos da medicina, da psicologia, da história da filosofia e da história das ideias.

Como já sugerido, a *Revista Filosófica*, embora editada em Coimbra por um professor catedrático, não estava vinculada à Universidade, mas à personalidade do seu diretor e ao modo como este entendia o papel do filosofar numa época em que muitos intelectuais ainda estavam imbuídos de cientificismo, subalternizando o exercício crítico da razão. No texto "Posição", que abre o primeiro número, foi claro. Se o trânsito do século XIX para o XX se caracterizou pela hegemonia doutrinal do Positivismo e do Evolucionismo, cuja aceitação nunca antes fora alcançada por outra síntese filosófica ou teoria da Ciência, esse domínio tornou-se filosoficamente mais débil a partir da Primeira Guerra Mundial: "à conformidade seguiu-se o desacordo" (CARVALHO, 1951, p. 5). Daí a atualidade de se fomentar uma ideiação crítica, que fosse capaz de renovar o consórcio entre o conhecer, o saber e o filosofar.

É certo que Joaquim de Carvalho não retirava valor à especialização e à erudição. Porém, queria que elas fossem ponto de partida para a reflexão, único caminho que, ao corrigir as limitações da "Sabença" – fruto do cultivo da erudição pela erudição –, podia evitar que a filosofia caísse em especulações não fundamentadas e em formulações retóricas, transformando-se, em suma, numa "filodoxia", isto é, num "ensaísmo literário" e numa "parénese edificante", práticas onde a busca do verdadeiro, "severa e metodicamente procurado", era substituída pela exibição de dotes e recursos verbais (CARVALHO, 1951, p. 6).

Não obstante o olho sempre vigilante da censura política portuguesa, a *Revista Filosófica* se apresentou, então, como uma resposta ao isolamento das posições divergentes, oferecendo uma rara possibilidade de reunião e confronto de opiniões "com mútua compreensão". E esta orientação não só pretendia demarcar-se da cultura oficial, mas também visava diferenciar-se implicitamente do dogmatismo e do historicismo de influência marxista, posição que tinha na revista *Vértice* (1942), igualmente publicada em Coimbra a partir de 1942, o seu órgão literário mais destacado. Assim, explica-se que a sua linha editorial apontasse "para a reflexão teórica e crítica dos problemas suscitados pela nossa atividade científica e cultural", pelo que o seu programa tinha de ser "aberto e amplo, sem estreiteza nem exclusivismo". De onde o seu cariz interdisciplinar – contou com a colaboração de cientistas da natureza, psiquiatras, matemáticos, historiadores da Cultura, pedagogistas, estetas e filósofos, isto é, de representantes de "todos que sentem responsabilidades intelectuais", interessados, por isso, em uma "filosofia de problemas e não filosofia de mistérios, filosofia de integração e de perspectivas gerais, e não filosofia teleológica e de verticalismo hierarquizante ou de vértice limitativo" (CARVALHO, 1951, p. 10).

Perante esta linguagem, não será arriscado sustentar que Joaquim de Carvalho arremetia contra algumas das filosofias que ainda dominavam certas elites cultas portuguesas e brasileiras. Em concreto, com o epíteto "filosofia de mistérios", alvejava todos os irracionismos (mesmo os de raiz bergsoniana); com a expressão "filosofia teleológica", arremetia

contra as filosofias da natureza e da história, como as do marxismo ortodoxo, que acreditavam já ter decifrado de uma vez por todas o fim da evolução do universo e do homem; e com a expressão “verticalismo hierarquizante ou de vértice limitativo”; desejava atingir as serôdias sobrevivências do neotomismo. É que, para ele, a verdadeira filosofia deveria fundir-se com o ato de filosofar, pelo que as soluções dos grandes problemas do homem só seriam verdadeiras se, simultaneamente, fossem ponto de partida para o nascimento de novos problemas (CATROGA, 1994, p. 16).

Pensando bem, a diversidade temática da *Revista*, que inclui colaborações da Antropologia, Etnologia, Psiquiatria, Medicina, Educação e História, é coerente com a prática acadêmica de Joaquim de Carvalho, no seu apelo ao necessário diálogo entre a reflexão filosófica e as Ciências (CATROGA, 1994, p. 16). Já em 1946, em correspondência para Barahona Fernandes, que virá a ser colaborador da *Revista Filosófica* com artigos sobre medicina e psiquiatria, o professor de Coimbra falava da germinação do projeto e da finalidade cívica que o inspirava: reunir companheiros dispostos a dar continuidade à liberdade de pensar em tempos obscuros:

Sairá sem qualquer apoio ou ligação oficial, no propósito de ser um lugar de reunião em que nos possamos encontrar com decência e dignidade, uns tantos que sabemos quanto custa estudar e pensar. V. Ex^a, o Edmundo Curvelo e os meus mais próximos colaboradores da Faculdade são as pessoas a quem confio este sonho, que no fundo aspira a ser nos nossos dias de obscurantismo uma afirmação de confiança no que dignifica o Homem (CARVALHO apud FERNANDES, 1963, p. 26).

Dois anos depois, em outra carta a Barahona, de 21/9/1949, deixou este significativo desabafo: “A comissão de Censura – com que tristeza e revolta tive de escrever estas palavras – autorizou há pouco a publicação” (CARVALHO apud FERNANDES, 1963, p. 26). E, em 1950, reafirmava os mesmos propósitos: a *Revista* iria sair “precisamente para aproximar cientistas e filósofos e não tem por fim filosofias, mas problemas do filosofar que visa nesta hora cinzenta o não deixar que se apague o fachozinho de cultura livre” (CARVALHO apud FERNANDES, 1963, p. 26).

Projetos para (re)pensar o Brasil

Sintetizado o âmbito e o tipo de contatos de Carvalho com intelectuais brasileiros, chegou o momento de tentarmos elucidar quais foram alguns dos projetos “brasileiros” que teve em mente, mas que não concretizou. Tarefa que não é simples em razão da inexistência de informações pormenorizadas sobre muitos deles. No entanto, encontramos registros que podem funcionar como indícios do que planeava fazer neste domínio. Um deles encontra-se na confissão que fez a Cruz Costa, nas férias de verão de 1954, quando anunciou ter acabado de gizar “um esquema da evolução das ideias no Brasil Colonial, com critério estritamente histórico-filosófico e cultural” (BIBLIOTECA FLORESTAN FERNANDES, 25/9/1954, fl. 1). Trata-se, sem dúvida, de um guia para uma obra futura. E ele também foi

claro acerca da causa imediata que fez nascer este esboço: as reflexões suscitadas pela leitura do trabalho acadêmico intitulado *O desenvolvimento da filosofia no Brasil no século XIX e a evolução histórica nacional*, que o seu interlocutor não há muito tinha apresentado na USP, e que, uns anos depois, sairá com o título *Contribuição à história das idéias no Brasil* (1956).¹²

Se o levar a cabo, completará no plano das ideias o q meu querido Cruz Costa fez no plano da estrutura social e das conexões com a economia e formas de vida. Retomo, em parte, o Alcides Bezerra, mas pelo lado interno, pois ele deu, a bem dizer, e somente, o aspecto bibliográfico, aliás, deficiente (BIBLIOTECA FLORESTAN FERNANDES, 25/9/1954, fl. 1).

Destas palavras infere-se que o professor português não iria sobrevalorizar as contextualizações econômico-sociais que, em certos meios, dominavam o modo "externalista" de escrever história da filosofia, nem elaborar um mero rol descritivo e cronológico de pensadores, como o teria feito Alcides Bezerra¹³ no seu trabalho *Achêgas à História da Filosofia* (1936), não obstante o reconhecimento do seu pioneirismo nesta matéria.¹⁴ Supomos que o insinuado por Carvalho a Costa visava completar a obra deste, valorizando a textualidade e o eco das grandes filosofias na sua tessitura, em ordem a se ultrapassar a glosa e a se inteligir as especificidades da recepção das grandes correntes filosóficas ocidentais, fazendo dos textos "nacionais" pontos de partida para questões cosmopolitas (no sentido iluminista do termo) que deviam propulsar a autenticidade do filosofar. A hipótese não é arbitrária, pois esta seria a única ótica que, segundo Carvalho, permitiria fugir ao ensaísmo e enlaçar a erudição histórica com a reflexão filosófica.

Em 1955, o plano estaria a caminhar em paralelo com outros estudos que ultimava, como anunciou em carta a Jaime Cortesão: "Tenho muito adiantado o vol. dos *Estudos Anterianos*, além da *Opera Philosophica*, do Sanches. Também tenho trabalhado na Hist. das ideias no Brasil Colonial" (BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL, 21/3/1955, fl. 1, grifos do autor). E para a progressão desta linha de investigação, solicitava ao amigo que lhe enviasse publicações saídas no contexto das comemorações do IV Centenário da Fundação de São Paulo (onde Cortesão tinha sido organizador da Exposição Histórica de São Paulo), bem como o trabalho *História e tradições da cidade de São Paulo* (1954), em que depositava grande interesse. Em concreto, perguntava: "está na sua mão mandar-me publ. do IV Centº de São Paulo, designadamente o livro de Silva Bruno? Se estiver, claro que me dá um alegrão, por q dia sem livros é dia cinzento" (BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL, 21/3/1955, fl. 1).¹⁵

A respeito da edição mais sistêmica das suas obras, frise-se que, no período em que Carvalho intensificou sua aproximação com o Brasil, ele tinha em curso a reunião, por temáticas e também por critérios cronológicos, dos seus mais relevantes trabalhos publicados e que se encontravam dispersos por inúmeras publicações, autônomas ou em actas ou artigos de revista. Recorde-se a sua sequência. Esta se iniciou com a publicação dos *Estudos sobre a Cultura Portuguesa do século XVI* (vols. 1 e 2) em 1947 e 1948, a que se seguiram os *Estudos sobre a Cultura Portuguesa do século XV* (1949), *Estudos sobre a Cul-*

tura Portuguesa do século XIX. Vol. I - Anteriana (1955). Ora, não será arrojado afirmar que ele iria dar continuidade a estas edições definitivas, nomeadamente, pela saída de um outro volume sobre o século XIX (com os seus ensaios respeitantes ao vintismo, ao cartismo, ao republicanismo, ao positivismo) ou ainda de outros, em que possivelmente reuniria escritos de pendor mais reflexivo (em particular os atinentes às temáticas da saudade e do patriotismo). Estamos no domínio das hipóteses, mas não do inverossímil, porque, tal como tinha acontecido com os volumes já publicados, o conteúdo possível já estava em grande parte escrito, ou somente necessitava de reatualizações, revisões e, aqui e ali, alargamentos.

Pergunta-se, ainda: Qual seria o lugar do Brasil na gênese e no conteúdo deste mar de projetos editoriais? Para responder, lembramos o que, em 1953, escreveu de São Paulo a Jaime Cortesão (que vivia no Rio de Janeiro): "Um dos motivos da minha vinda foi o de me documentar bibliograficamente com livros e fontes que interessem aos meus planos. Um deles consiste em desenvolver e fundamentar os artigos q escrevi na *Historia de Peres*, especialmente os caps. sobre o Vintismo" (BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL, 27/4/1953, fls. 1-3).¹⁶ Na mesma carta, comenta com o amigo que aumentou "muito" a sua coleção sobre o tema, "especialmente de jornais (posso quase todos, em colecções completas)". Já do lado brasileiro, citava ter quatro volumes das *Obras Completas* do filósofo sergipano Tobias Barreto (1839-1889), jurista da Escola do Recife, poeta e crítico, além de algumas biografias editadas pela Livraria José Olympio, "salvo o último livro do Tarquínio de Sousa, sobre D. Pedro, que conto adquirir" (BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL, 27/4/1953, fl. 2).¹⁷ Além de buscar bibliografia brasileira, Carvalho também reconhecia ainda que lhe faltavam "as fontes documentais". Por isso, pedia ajuda a Cortesão para adquirir os volumes do *Archivo diplomático da Independência*, editados pelo Ministério das Relações Exteriores ("me prestava um grande favor, pois não recordo ter visto esta pub. na Bca. da Universidade. Conheço-o somente por citações") e a coleção com os escritos de Alexandre de Gusmão (possuía dois dos sete volumes), publicação organizada pelo seu interlocutor no Instituto Rio Branco (Rio de Janeiro).

Do cotejo da bibliografia que reuniu com os temas de investigação que anunciava, firma-se a ideia de que Carvalho pretendia acentuar a comparação entre a gênese do Portugal liberal e o professo não só da Independência brasileira, mas também do Brasil-Império e do Brasil-República. Seguindo a cronologia dos inúmeros planos que sempre tinha em mãos ou na mente, é possível entrever essa intenção. Como já foi dito, sabe-se que, no caminho de volta do Brasil para Portugal, ele pretendia publicar as obras completas de Silvestre Pinheiro Ferreira, com dispersos e inéditos, em edição crítica, matéria que estava relacionada às suas investigações em torno do liberalismo numa perspectiva luso-brasileira. Neste mesmo ano, em carta a Victor de Sá, retomava o tema do liberalismo ao comentar, nestes termos, um artigo que este seu antigo aluno tinha escrito sobre Almeida Garrett, no *Diário de Lisboa* (1954): "Há mta coisa q aparente os liberais; em Garret é o sentido estético e o dom da palavra (falada e escrita) que principalmente cativa. Quando eu tiver vagar, hei de desenvolver estas ideias, em especial a do teor do novo patriotismo e respectivas impli-

cações" (BIBLIOTECA PÚBLICA DE BRAGA, 27/12/1954, fl. 1).

Por aqui se confirma que este conceito, articulado com outros, mormente o da saudade, cada vez mais entrava no âmbito das preocupações mais reflexivas de Joaquim de Carvalho. Saliente-se que ele próprio elegeu o tema da compleição do patriotismo para a conferência que apresentou no Real Gabinete de Leitura do Rio de Janeiro, em 10 de junho de 1953, intervenção em que deixou mais um testemunho do impacto que a visita estava a ter no seu repensamento quer sobre o Brasil, quer sobre Portugal, dado que, se, na antiga colônia, estava a encontrar "coisas análogas" às da ex-metrópole, a experiência também lhe mostrava outras bem "diferenciadas ou radicalmente diferentes das que constituíram e constituem o mundo" (CARVALHO, 1987, p. 125) em que nasceu.

Este recurso à comparação surge em outros passos nos quais registrou as suas impressões sobre o Brasil, assim como na orientação que deu ao número especial da *Revista Filosófica*, em 1957, dedicado ao centenário da morte de Augusto Comte,¹⁸ outro vetor forte da cultura oitocentista transversal aos dois países. Com efeito, tal como aconteceu em Portugal nas últimas três décadas do século XIX, a vida intelectual brasileira também teve uma continuada recepção das ideias de Comte e dos seus discípulos tanto ortodoxos (Pierre Lafitte) como heterodoxos (liderados por Émile Littré), penetração que, a partir de 1889, irá marcar muito o perfil da nascente República brasileira. No entanto, o citado número da *Revista Filosófica* tinha objetivos mais amplos. Em razão das incidências políticas e mundividenciais do positivismo no republicanismo de ambos os países, "o Brasil não pod[ia] faltar" (BIBLIOTECA FLORESTAN FERNANDES, 26/12/1956, fl. 1). Para Carvalho, "sem dúvida", aqui, como "principalmente nos países de idiomas latinos, o positivismo comteano entusiasmou numerosos espíritos" (CARVALHO, 1953, p. 155).

Por outro lado, o interesse por estas matérias não era indiferente ao fato de ele mesmo, quando jovem, ter sido positivista graças à influência da leitura de Teófilo Braga, autor acerca do qual já tinha escrito uma síntese muito valorada na época em que saiu (1948). Demais, deve ter-se presente que o caso brasileiro lhe interessava ainda como termo comparativo no que toca à maior influência do chamado positivismo religioso (Miguel Lemos, Teixeira Mendes) no Brasil do que em Portugal, país onde esta corrente foi irrelevante.

Em paralelo a esses, outros planos brotaram do aprofundamento das suas relações com o Brasil, alguns diretamente motivados por leituras que o desafiaram a intervir no debate científico. Foi o caso do estudo que pensou escrever sobre o Padre António Vieira, em que iria refutar algumas das teses expendidas por Ivan Lins no livro *Aspectos do Padre António Vieira* (1956), obra que lhe foi oferecida pelo autor, mas, em virtude da reprodução de ideias feitas propagadas por muitos estudos sobre o jesuíta, merecia uma análise crítica. Todavia, esta não visava diretamente à figura de Ivan Lins – que prometia "tratar bem" –, mas a maneira pouco informada que levava muitos a apresentarem Vieira como um grande e original pensador, caindo em excessos de anacronismo, mormente quando o consideram "um 'moderno' nas ideias". Ora, Carvalho, admirando o orador, queria chamar a aten-

ção para a necessidade de se contextualizar epocalmente a sua obra, porque

[...] a sua estrutura mental não era a de um criador ou meditador, mas a de um portentoso poder de expressão. O q nele é original e grande é a maneira de dizer, e não o fundo do q disse, que, pelo conteúdo, quase nunca lhe pertence. É figura representativa do humanismo jesuítico, orientado p^a a palavra, e não do pensamento que pensa sobre o fundo q se diz (BIBLIOTECA FLORESTAN FERNANDES, 8/10/1956, fl. 2, grifo do autor).

Para concretizar esta elucidação, anunciava a Costa que iria escrever um estudo sobre “as origens do pensamento político de Vieira”. Infelizmente, também esta contrarresposta nunca chegou a sair, o que se entende, pois, o desafio apareceu já numa conjuntura em que o seu estado de saúde começava a agudizar-se. Mas, o sinal de que o seu interesse intelectual, em crescendo, foi acompanhado por uma dimensão afetiva encontra-se bem simbolizado no cumprimento da sua última vontade: que as bandeiras de Portugal e do Brasil cobrissem o seu caixão. E assim aconteceu.

Referências

ARQUIVO DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA - AACL. *Processo académico Joaquim de Carvalho*, pasta 2, n.º 38. Carta de Joaquim de Carvalho (respondida por Joaquim Leitão, secretário geral da Academia), 16/9/1955.

ARQUIVO FAMILIAR JOAQUIM DE CARVALHO - AFJC. COSTA, João Cruz. *Cartas a Joaquim de Carvalho*, São Paulo, 28/3/1951; Água do Prata, 7/2/1954, fl. 1; 9/5/1954, fl. 1; São Paulo, 6/1/1955, fl. 1 e 2; São Paulo, 29/7/1955, fl. 1; São Paulo, 10/1/1956, fl. 1.

ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL DA FIGUEIRA DA FOZ - AHMFF. CARVALHO, Joaquim de. *Cartas a Irene Montezuma de Carvalho*. São Paulo, 1/7/1953, fl. 1.

ARQUIVO NACIONAL TORRE DO TOMBO – ANTT. Arquivo Marcello Caetano, *Correspondência. Joaquim de Carvalho*. Cx.21, n.º 1-14, n.º 11, 1955.

ARQUIVO NACIONAL TORRE DO TOMBO – ANTT. Polícia Internacional e de Defesa do Estado. Direção-Geral de Segurança. Del.Coimbra, *Processo Individual (PI) 646*, “Joaquim de Carvalho”, NT10390, fl. 37, 1957.

ARQUIVO-MUSEU DE LITERATURA BRASILEIRA/FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA - AMLB-FCRB. CARVALHO, Joaquim de. *Carta a Thiers Martins Moreira*, Coimbra, 23/10/1953, fl. 1; 25/5/55, fl-1; Figueira da Foz, 21/9/53, fl. 1.

BARATA, P. J. S. *Os livros e o liberalismo*: da livraria conventual à biblioteca pública: uma

alteração de paradigma. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2003.

BARATIN, M. Da biblioteca à gramática: o paradigma da acumulação. In: BARATIN, M.; JACOB, C. (Dir.). *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2000. p. 227-233.

BESSONE, T. M. *Palácio de destinos cruzados: Bibliotecas, Homens e Livros no Rio de Janeiro (1870-1920)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999.

BIBLIOTECA FLORESTAN FERNANDES DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - BFF-USP. CARVALHO, Joaquim de. *Cartas a João Cruz Costa*. Coimbra, 16/12/1950; Coimbra, 1/3/1951; Coimbra, 17/7/1953, fl. 1; Figueira da Foz, 22/9/1953, fls. 1 e 2; Coimbra, 26/11/1953, fl. 2; Figueira da Foz, 12/4/1954, fl. 2; Figueira da Foz, 14/4/1954, fl. 2; Coimbra, 8/7/1954, fl. 1; Figueira da Foz, 15/9/1954, fl. 1 e fl. 2; 25/9/1954, fl. 1; Coimbra, 28/3/1956, fl. 1; Figueira da Foz, 8/10/1956, fl. 2; Coimbra, 26/12/56, fl. 1; Coimbra, 16/6/1957, fl. 1 (frente e verso).

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL - BNP. CARVALHO, Joaquim de. *Cartas a Jaime Cortesão*. Acervo pessoal Jaime Cortesão. São Paulo, 27/4/1953, fl. 1-3; Coimbra, 21/3/1955, fl. 1.

BIBLIOTECA PÚBLICA DE BRAGA - BPB. Fundo Victor de Sá. CARVALHO, Joaquim de. *Cartas a Victor de Sá*. Coimbra, 18/12/1952, fl. 1; Coimbra, 27/12/1954, fl. 1.

CABRAL, M. L. R. (Dir.). *As bibliotecas portuguesas na transição para a modernidade 1800-1850: Seus intérpretes e suas coleções*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2014.

CARVALHO, D. de C. *Entrevista em 5/12/2012*, na cidade da Figueira da Foz, fl. 1-14.

CARVALHO, J. de. [Recensão] A. Carneiro Leão, *Panorama Sociologique du Brésil* (Paris, Presses Universitaires de France, 1953). *Revista Filosófica*, n. 8, p. 154-158, 1953.

CARVALHO, J. de. Irradiação do movimento revolucionário. In: PERES, D. (Dir.). *História de Portugal*. Barcelos: Portucalense, 1935a. v. VII, p. 74-96.

CARVALHO, J. de. A obra legislativa das Côrtes. In: PERES, D. (Dir.). *História de Portugal*. Barcelos: Portucalense, 1935b. v. VII, p. 97-117.

CARVALHO, J. de. *Carta Marcello Caetano*. Coimbra, 3/5/1955.

CARVALHO, J. de. Carta-prefácio a Cristóvão Moreira de Figueiredo [João Ramalho: pa-

triarca dos bandeirantes e filho de Vouzela, 1954]. In: CARVALHO, J. de. *Obra Completa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996. v. VIII, p. 151-156.

CARVALHO, J. de. Compleição do patriotismo português. In: CARVALHO, J. de. *Obra Completa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987. v. V, p. 123-137.

CARVALHO, J. de. Formação da ideologia republicana (1820-1880). In: MONTALVOR, L. (Dir.). *História do Regímen Republicano em Portugal*. Lisboa: Ática, 1930. v. I, p. 163-256.

CARVALHO, J. de. Irradiação do movimento revolucionário. In: PERES, D. (Dir.). *História de Portugal*. Barcelos: Portucalense, 1935c. v. VII, p. 74-96.

CARVALHO, J. de. Posição. *Revista Filosófica*, n. 1, p. 5-11, mar. 1951.

CARVALHO, J. M. de. Apresentação. *Miscelânea de Estudos a Joaquim de Carvalho*, Figueira da Foz, n. 1, p. 3-6, 1959.

CARVALHO, P. A. de (Org.). *Cartas de Joaquim de Carvalho a Alfredo Pimenta*: 1922-36. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2016.

CATROGA, F. Joaquim de Carvalho e a História. *Separata do Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*. Coimbra: Biblioteca da Universidade, 1994. v. XLII.

CORTESÃO, J. Joaquim de Carvalho. *Miscelânea de Estudos a Joaquim de Carvalho*, Figueira da Foz, n. 2, p. 198-199, 1959.

COUTO, R. Encontro com Joaquim de Carvalho. In: CARVALHO, J. M. (Org.). *Joaquim de Carvalho no Brasil*: juízos e depoimentos. Coimbra: Atlântida, 1958. p. 95-96.

FERNANDES, B. Joaquim de Carvalho – Pessoa e atitude espiritual. *Separata da Miscelânea de Estudos a Joaquim de Carvalho*, n. 9. Figueira da Foz: Biblioteca-Museu Joaquim de Carvalho, 1963.

FREYRE, G. Um pensador português. *Voz de Portugal*, Rio de Janeiro, p. 5, 22 mar. 1959.
GOMES, A. de C.; HANSEN P. S. (Org.). *Intelectuais mediadores*: práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: FGV, 2016.

GRÉSILLON, A. Ler para escrever. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. *Escritos*, Revista da Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, Ano 5, n. 5, p. 7-22, 2011.

LACOMBE, A. J. Prof. Joaquim de Carvalho. In: CARVALHO, J. M. de (Org.). *Joaquim de*

Carvalho no Brasil: juízos e depoimentos. Coimbra: Atlântida, 1958. p. 28-29.

LEÃO, A. C. Joaquim de Carvalho. In: CARVALHO, J. M. de (Org.). *Joaquim de Carvalho no Brasil: juízos e depoimentos*. Coimbra: Atlântida, 1958. p. 32-34.

LINS, I. Carta a José Honório Rodrigues, Rio de Janeiro, 16/4/1957. In: RODRIGUES, L. B. *Correspondência de José Honório Rodrigues*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2000. p. 111.

LOURENÇO, E. Na morte do Prof. Joaquim de Carvalho. *Diário de Coimbra*, Coimbra, p. 1 e 7, 5 nov. 1958.

MALPIQUE, C. Perfil intelectual e moral do Prof. Joaquim de Carvalho. *Miscelânea de Estudos a Joaquim de Carvalho*, Figueira da Foz, n. 2, p. 109-143, 1959.

MARTINS, P. Joaquim de Carvalho (1892-1958). O homem e a obra. In: CARVALHO, J. *Obra Completa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1978. v. I, p. VII-XXIV.

MARTINS, W. (sem título). In: CARVALHO, J. M. de (Org.). *Joaquim de Carvalho no Brasil: juízos e depoimentos*. Coimbra: Atlântida, 1958, p. 102-103.

MASSON, A.; SALVAN, P. *Les Bibliothèques*. Paris: Presses Universitaires de France, 1961. Disponível em: <<http://www.enssib.fr/>>. Acesso em: 28 mar. 2017.

MONTENEGRO, A. F. Joaquim de Carvalho, amigo do Brasil. *O Povo*, Fortaleza, p. 3, 24 dez. 1958.

OLIVEIRA, F. V. de. *Fantasmas da tradição*: João Cruz Costa e a cultura filosófica uspiana em formação. 2012. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

POMBO, O. *Unidade da Ciência*: Programas, figuras e metáforas. Lisboa: Gradiva, 2011.

REPÚBLICA. Lisboa, Editorial República, 2ª série, ano 45, n. 9127, 18 maio 1956.

RIBEIRO, F. As bibliotecas universitárias: seu papel de mediação para o acesso ao conhecimento na era digital. In: BERNARDES, J. A. C.; MIGUÉIS, A. M. E.; FERREIRA, C. A. S. (Coord.). *A biblioteca da Universidade*: Permanência e metamorfoses. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2015. p. 147-162.

RIBEIRO, O. Joaquim de Carvalho: Personalidade e pensamento. *Biblos*, Coimbra, v. 56, p.

1-6, 1980. (Homenagem a Joaquim de Carvalho).

SALSANO, A. Enciclopédia. In: ROMANO, R. (Dir.). *Enciclopédia Einaudi*. Coord. da edição portuguesa: Fernando Gil. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2000. p. 369-432. (Conhecimento, v. 41).

TORRES, F. Joaquim de Carvalho. In: AA.VV. Homenagem aos professores Azevedo Gomes, Hernâni Cidade e Joaquim de Carvalho. Lisboa: edição dos alunos da Universidade de Coimbra, da Faculdade de Letras de Lisboa e do Instituto Superior de Agronomia, 1935. p. 81-93.

TORRESINI, E. W. R. *Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40*. São Paulo: Edusp/Com-Arte; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.

Notas

1 Joaquim de Carvalho nasceu na cidade da Figueira da Foz (10/6/1892), licenciou-se em Direito (1914) e, depois, em Filosofia (1915) pela Universidade de Coimbra (UC), tornando-se catedrático de História da Filosofia (1919). Com a dissertação *Leão Hebreu, filósofo (Para a história do platonismo no Renascimento)* (1918), iniciou o estudo do pensamento de ilustres judeus portugueses ou de origem portuguesa, como Abraão Zacuto, Uriel da Costa, Bento de Espinosa, Oróbio de Castro e Jacob de Castro Sarmento. Republicano e democrata, foi historiador da filosofia e da cultura portuguesa.

2 Nos inícios de 1980, a Biblioteca de Joaquim de Carvalho foi comprada pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e está localizada no 2º piso da Faculdade de Letras (FLUC).

3 Publicadas de 1981 a 1997, em nove volumes, a Obra Completa de Joaquim de Carvalho está disponível para consulta em: <<http://www.joaquimdecarvalho.org/>>. Acesso em: 28 mar. 2017.

4 Refere-se, aqui, ao caráter aglutinador da biblioteca universal, que aspira a reunir num único lugar todo o conhecimento produzido, subentendendo uma exaustividade impossível.

5 Especificamente, nos textos de Carvalho “Compleição do Patriotismo Português” (Coimbra: Atlântida, 1954) e “São Paulo e o Brasil que se constrói” (Coimbra: Instituto de Coimbra, 1955).

6 A tradução de Joaquim de Carvalho da *Ética demonstrada à maneira dos géometras: parte I – De Deus*. (Coimbra, Atlântida, 1950), de Espinosa, foi reeditada pela primeira vez no Brasil em 1983, integrada numa compilação de textos escolhidos por Marilena Chauí para a coleção *Os Pensadores*, da editora Abril, de larga difusão e sucesso editorial. Além da primeira edição, de 1973, foi possível localizar a segunda edição, de 1979, a terceira edição, de 1983, e uma edição de 2005.

7 Anos depois, em 1957, o Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa lançou uma edição fac-similar e crítica de *O livro de Vita Christi*, com notas de Augusto Magne.

8 O livro havia sido lançado em francês, com prefácio de Georges Davy. LEÃO, Carneiro A. *Panorama sociologique du Brésil*. Paris: Presses Universitaires de France, 1953. No entanto, não chegou a ser editado em Coimbra. Somente em 1958, o livro sairá em português com o título *Panorama Sociológico do Brasil* (Rio de Janeiro, Inep/Ministério da Educação e Cultura).

9 O prefácio assinado com as iniciais M. L. de A, do professor Manuel Lopes de Almeida, assinala que o volume 19 da *Revista da Universidade de Coimbra* estava composto até a página 240 quando ocorreu a morte de Joaquim de Carvalho. Mas, não informa a investigação e crítica deste para os *Escritos Filosóficos de Silvestre Pinheiro Ferreira*. Cf. *Revista da Universidade de Coimbra*, n. 19, Imprensa de Coimbra, 1960.

10 A *Revista Filosófica* foi dirigida por Joaquim de Carvalho de março de 1951 a dezembro de 1957. Seu filho, Joaquim Montezuma de Carvalho, organizou o n. 22 (1959), póstumo, com as últimas traduções feitas pelo pai e com colaborações de Américo Castro, Mario Bunge, José Pecegueiro e Miguel Reale.

11 A exceção é de Luiz Luisi, da Faculdade de Direito da Universidade do Rio Grande do Sul (Porto Alegre), que na *Revista Filosófica* n. 4, de abril de 1952, publicou o artigo “Giorgio Del Vecchio: A obra e o homem”.

12 O livro foi a tese de cátedra de João Cruz Costa apresentada sob o título *O desenvolvimento da filosofia no Brasil no século XIX e a evolução histórica nacional*, destinada ao concurso previsto para 1950, somente realizado em 1954. Em 1956, a obra saiu pela editora José Olympio. Teve ainda uma edição em castelhano sob o título *Esbozo de una historia de las ideas en el Brasil* (México, Fondo de Cultura Económica, 1957).

13 Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, Alcides Bezerra (1891-1938) foi diretor do Arquivo Nacional (1922).

14 Pioneirismo que é destacado por Cruz Costa no artigo "Esboço de uma História das Ideias no Brasil na primeira metade do século XX". *Revista de História*, São Paulo, p. 179-194, n. 19, 1954. p. 189.

15 Tratava-se da obra de Ernani Silva Bruno, *História e tradições da cidade de São Paulo* (1954), publicada em três volumes numa edição especial sob o patrocínio da Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo.

16 Na *História de Portugal*, v. VII – Quinta época (1816-1918), Joaquim de Carvalho escreveu os capítulos referentes ao vintismo nos temas "período de indecisão e triunfo da corrente regeneradora", "irradiação do movimento revolucionário", "a obra legislativa das Córtes", "a contra-revolução". Cf. PERES, Damião (Dir.). *História de Portugal*. Barcelos, Portugal: Portucalense, 1935, v. VII, p. 60-124.

17 Cf. Tarquínio de Sousa, Octávio. *A vida de Dom Pedro I*. Rio de Janeiro: José Olympio editora, 1952-1954. 3v.

18 Cf. *Revista Filosófica*, n. 20 (agosto), 1957. A edição conta com artigos dos brasileiros João Cruz Costa ("Origem, fastígio e declínio do positivismo no Brasil") e Ivan Lins ("Augusto Comte e a Ciência"); e dos portugueses J. Seabra Dinis ("O Positivismo na vida e na obra de Júlio de Matos"), Vieira de Almeida ("Positivismo e Positividade"), Joel Serrão ("Sampaio Bruno e o Positivismo") e Sílvio Lima ("Comte, o Positivismo e a Psicologia").

Débora DIAS. Doutora em História Contemporânea e investigadora do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (Ceis XX) da Universidade de Coimbra. CEIS XX - R. Augusto Filipe Simões 33, 3000-186 Coimbra, Portugal. A pesquisa que resultou neste artigo contou com financiamento da CAPES-Brasil.

Recebido em: 30/03/2017

Aprovado em: 28/08/2017